SALVADOR, COLETIVO OSSO E A SÉRIE *IGREJAS E CEMITÉRIOS*

Por Maria Beatriz de Medeiros
UnB/Corpos Informáticos/CNPq

RESUMO:

Este texto aborda aspectos da arte da performance e da performance no Brasil e analisa a produção recente do Coletivo Osso de performance urbana (Salvador, 2009).

Palavras-chave: Coletivo Osso, performance, Salvador

ABSTRACT:

Ce texte discute certains aspects de l'art de la performance e de la performance au Brésil et la recente production du Collectif Osso de Performance Urbaine (Salvador, 2009).

Mots-clés: *Collectif Osso, performance, Salvador*

A rua pode ser o espaço por excelência da performance. Mas ela é também o espaço da polícia: espaço que sempre foi mascarado como espaço público. Nele, a vida pulula de dia e de noite.

Salvador é linda, dizem os soteropolitanos. Mas a diferença social é tão gritante que assusta. Assusta**:** os carros que desfilam a vidros negros fechados, marcas importadas. Assusta: o pedinte agressivo. Assusta: a camareira do hotel insistir na necessidade de se usar o cofre. E, de fato, nos assustamos, tanto com a polícia quanto com a segurança desenfreada de alguns locais onde fomos fazer performance. E, mais ainda, com o ataque que sofremos de um casal de magricelos baixinhos. Éramos quatro e eles dois, e mesmo assim ousaram: corajosos!

"Se ao menos o crime fosse organizado", comenta Dani (Daniela Félix Carvalho Martins). E todos riem. Mas não tem graça nenhuma: a violência tão anunciada na televisão, que tomou conta das cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo, está minando, em todos os recantos, a cidade de Salvador.

Estamos em 2009. À sombra da violência e debaixo de um calor estonteante, um inicialmente pequeno grupo de artistas da cidade investe na performance, mais especificamente na performance urbana: Zmário (José Mário Peixoto Santos), Rose Boaretto (Rosângela Soares Boaretto), Tuti Minervino (Marcel Tuti Minervino), Daniela Félix. Trata-se do Coletivo Osso de performances urbanas (www.coletivosso.blogspot.com), formado em junho de 2009. [1]

No segundo semestre, o Coletivo investiu em uma sequência de séries de performances – *performance art* – linguagem artística híbrida e fugaz: corpo, tempo e movimento, imagem, som; irreverente, muitas vezes irônica, muitas vezes provocação, quase sempre uma atitude política.

De 14 a 17 de agosto, o Osso realizou a série *Praças*. Além do grupo, participou Alexandre Coutinho e, como artista convidado, Marcio Shimabukuro (Shima), que também integra o Grupo Empreza (GO). Em setembro, realizou a série *Estações*, parte da qual, estando em Salvador, pude assistir e assim me 'calcificar' (como dizem) com o Osso. Nesta, Dani realizou uma performance pensada por Tuti Minervino (*Nesse caos*, estação Mussurunga); Zmário, uma performance de Rose Boaretto (*Banhos sagrados*, estação Iguatemi) que, por sua vez apresentou uma ideia de Zmário (*Embasamento*). Tuti apresentou também uma performance de Rose Boaretto (*Chocolate*, estação Lapa) que assisti. Vi claramente que essa performance não iria funcionar. Todos os ossos 'calcificados' permaneceram sérios, não funcionava, tudo foi fotografado. Muito engraçado, muito sério.

Chocolate por Tuti Minervino. Estação Lapa. 25/09/2009
Na lata há carvão onde Tuti colocou fogo, na panela acima há chocolate a ser derretido: o tamanho da panela coincide com o tamanho da boca da lata. Impossível: tudo muito sério, tudo muito Tuti.

Observa-se que se trata de um coletivo, no entanto, as performances são individuais. Todos colaboram e até mesmo trocam performances, mas, na hora da ação, cada um faz a sua. Há, digamos, uma certa contaminação. Cada artista permanece "só como os veleiros nos portos silenciosos" (Vinícius de Moraes) durante a performance.

Pergunto-me, se performances de rua não deveriam procurar impacto junto ao grande público que esse espaço permite.

Em recente espetáculo realizado pelo Grupo de Pesquisa Corpos Informáticos, diversas performances individuais foram incorporadas às performances coletivas, mas as chamávamos de "performances autistas": indivíduos viajando em suas pessoalidades.[2] O procedimento do Corpos Informáticos é realizar, em grupo, as performances propostas por indivíduos. Pensamos, assim, potencializar as ações, torná-las mais presentes, mais visíveis.

Lembro-me do grupo Baby Dolls que tive oportunidade de assistir em São José do Rio Preto, em julho de 2009. Trata-se de um grupo de duas cidades: Belo Horizonte e Ouro Preto. A intervenção urbana que realizou naquele momento partia de performances individuais baseadas em temas femininos, performances individuais, todavia, os temas amalgamavam diferentes ações. E, no final, cada performer se deitava no chão numa coreografia de corpos mortos. [3] São performances individuais (autistas), mas unidas pelo tema e pela amarração final em ação similar. O Grupo Empreza (Go) também realiza performances coletivas e autistas.

Ainda na série *Estações* colaborou João Matos (João Pedro Matos), com *Cosme e Damião*, no Farol da Barra, e, como artista convidado, Thiago Enoque com *Autólise*, na estação ferroviária de Calçada.

Em outubro, o Coletivo realizou a série *Pontes, passarelas e viadutos*. Nesta, João Matos já aparece como definitivamente 'calcificado', e foram convidados os artistas Carol Santos, Marios Hatziprokopiou (artista grego residindo temporariamente em Salvador) e Giltanei Amorim do Coletivo Quitanda (Salvador).

A questão levantada pelos membros do Coletivo Osso é pertinente: "Os artistas começaram a produzir apenas para os editais", afirma Rose. E isso se chama política pública?

Nesse ponto, a reclamação é generalizada no Brasil. O governo (Lula) procede com a cultura apenas por editais. São editais mais ou menos caros, mas todos podem ser considerados banais. É incompreensível o que o governo quer incentivar. Tudo? Qualquer coisa? Não há uma política. São editais pontuais distribuindo dinheiro aqui ou ali, sem continuidade, sem rumo. Os bancos, grandes financiadores da cultura nestes tempos de Brasil violento; os bancos, onde o dinheiro se esconde, também procedem por editais. Há muitos artistas esperando editais para produzir. Há artistas redimensionando seus trabalhos para ganhar os editais. Pouco importa seu trabalho como linguagem, como proposta provocadora, como questionamento: há que se dobrar aos editais. E o Coletivo Osso? Vai precisar ficar esperando que os mentores dos editais compreendam a importância da arte sair para a rua?

O Grupo Empreza (Goiânia) [4] foi selecionado por curadores para o Rumos Itaú Cultural, 2009, e teve seu trabalho literalmente censurado! A instalação resultante da performance realizada na vernissage era "não tocar, por favor". Uma contradição absoluta! Na instalação de pedras espalhadas aleatoriamente pelo chão, resultante da performance do Grupo Empreza – louco de jogar pedra –, estas não podiam ser tocadas. Então, aqui, acontece um paradoxo: o trabalho é selecionado, mas não se adequa às normas.

Vai completar um século que dadaístas e futuristas anunciaram a necessidade de uma arte política, de um artista agindo como 'homem de ação'. Vai completar trinta anos que Hélio Oiticica sugeriu aos artistas saírem das galerias e ocupar os espaços públicos. Faz trinta anos que comecei a fazer arte nas ruas: composições urbanas.[5] Mas os bancos não estão interessados nesse tipo de trabalho: precisam de obras montadas dentro de seus espaços ditos culturais, mas que de fato são espaços de propaganda de suas marcas. Por que os curadores selecionaram o Empreza para expor no banco? Foram ousados na seleção, mas não o suficiente para insistir que, na exposição, o trabalho deles deveria permanecer participativo. Ou apenas tentaram enquadrar o Empreza? Ele se enquadrou? Certamente não, mas aqui o Empreza aceitou os muros dos rumos.

Os salões estão interessados em 'distribuir' prêmios aquisitivos e... obras efêmeras e ações políticas, chegar perto do povo, permitir iteração, isto não interessa. Interessa abandonar o povo às suas misérias cotidianas, ao crack, ao tráfico. Interessa tentar controlar. Compreender, jamais. Educar? Que verbas para a educação? E que verbas para esse tipo de educação? A arte na rua é aula de vida, de política, proposta de palavra para a população, logo, AMEAÇA.

Conforme afirma Zmário, o governo local "só apoia belas artes pra vê (pavê)". [6]

A carne está desgastada, foi usada, abusada, virou objeto de desejos impostos pela sociedade hiperindustrial que tudo precisa reificar para a fome desvairada do índice de crescimento que pouquíssimos veem ou sentem. Se é que sentir existe em iates que atracam em fachadas de favelas maquiadas, camufladas. Favelas desorientadas pelo crime desorganizado.

A carne virou músculo delineado: muitos músculos crescidos, acrescidos em exercícios específicos, máquinas eróticas onde Eros se envergonharia, e 'bombas'.

O corpo da população sofre da dor de não ser branca, ainda que se esteja em Salvador. O corpo do negro grita sua beleza, mas a publicidade adverte: este carro é para branco; este celular permite falar com brancos; esta roupa de branco você não tem poder aquisitivo para comprar. Mas não se preocupem, pois inúmeras escolas para pobres e negros serão construídas no próximo governo (sempre o próximo, nunca o vigente). O próximo governo também se ocupará de criar empregos, tirá-los das favelas incrustadas na cidade e jogá-los bem longe onde poderão matar-se sem atrapalhar o turismo e o lucro dos bancos.

Série *Igrejas e Cemitérios*

De 20 a 22 de novembro, o Coletivo Osso realizou a série *Igrejas e cemitérios* que contou ainda com a participação de Jayme Fygura, Marios Hatziprokopiou e Williams Martins, quando então também fui convidada para participar, sendo, pois, objeto do meu comentário.

João Matos, dia 20 de novembro, entre a igreja da Conceição da Praia e o Segundo Comando da Marinha, Comércio, realizou a performance *Nós, entre a cruz e a espada*. Em uma calçada de 50 cm de largura, entre duas vias, cada uma com 3

pistas de grande movimento, criou um espaço traçando no asfalto duas curvas com cachaça, farinha e açúcar. Segundo o artista, esses materiais eram os produtos vendidos em tempo remoto, nas calçadas, desse local. O termo 'nós', do nome da performance, refere-se aos *nós* deixados pelo passado no corpo do artista pelos marinheiros do local. Nós, traumas, que se deram, ali, aqui, no corpo do artista: "Entre a cruz e a espada", mácula dos marinheiros irreverentes e indisciplinados.

Com 109 metros de cordas muito emaranhadas, João pacientemente arriscou a vida entre carros e caminhões durante quase três horas, sob um sol inclemente, soteropolitano. O olhar fixo dos marinheiros questionava. Acredito que nós e cordas muito tenham falado a eles. Os transeuntes apenas afirmavam não entender.

O resto do grupo se manteve ao longe, fotografando, filmando. A presença de câmeras modifica a ação. E creio que, no caso, no que diz respeito aos marinheiros, elas os afastaram. Mas a atitude indisciplinada destes não mudará a partir da ação: Rose foi 'assobiada' (para evitar o termo 'assediada') ao passar diante da guarita, situada entre a performance e a caserna, por marinheiros sem farda.

Os condutores de carros, ônibus e táxis que puderam ver de relance a performance, certamente se perguntaram o que estava se passando e tiveram seus cotidianos, de certa forma, modificados. Mas a velocidade da via realmente só permitia um entrever.

Afirma João no blog: "Trata-se do limiar [de vulnerabilidade] entre a dor do corpo agredido [por fuzileiros do Comando do Segundo Distrito Naval da Marinha] e a angústia do espírito [dogmatizando-se no apelo por justiça]".

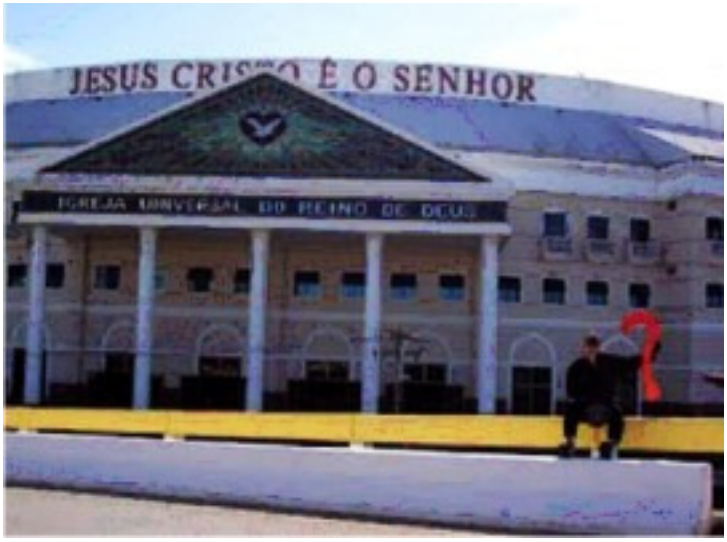
A performance de Williams Martins deu-se em frente à igreja de Santana, Ladeira de Santana, Nazaré, mas não a assisti. Apenas Zmário fotografou. Sendo o lugar perigoso, logo foram alertados que estavam sendo vigiados e que seriam roubados. Encerraram a ação rapidamente. Essa consistia em dar a mendigos, que ali se juntam para receber refeições todos os dias, por volta das 6 horas da tarde, camisetas do próprio Williams, que continham um número na frente, e atrás impressa a frase: "Esse corpo nunca mais". Dessa vez não foram os seguranças que pararam a ação; outro tipo de segurança: o povo na rua alertando o assalto iminente.

Diante da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), Iguatemi, um prédio que literalmente modifica a cidade por seu tamanho e sua bizarra arquitetura (capacidade para 7000 pessoas), no dia 21 de novembro, Tuti Minervino desfilou por 15 minutos, trajado como lhe convém **(apraz)** – sempre exótico, sempre diferente – e com uma placa no pescoço: "Cuidado com o cão! Boxer."

A frente do templo deve medir cerca de 200 metros, ou mais, que foram percorridos, calmamente, apesar de alguns olhares interrogativos. Ao chegar perto de uma das rampas de entrada do prédio monstruoso, não foram necessários mais do que dois segundos para que Tuti fosse abordado pelo segurança. E impressiona o medo: imediatamente um rádio e um pedido de reforços. Pergunta-se: Quão ameaçador pode ser um indivíduo? Quem está inseguro, tem medo.

Tuti, Zmário e eu, que fotografávamos, fomos nos afastando dos seguranças, mas um outro fator entrou em cena: os ambulantes, miseráveis, com suas barraquinhas decrépitas, cães e crianças dormindo na grama imunda, tomaram as dores da IURD e passaram a nos amaldiçoar.

Tuti havia previsto outra ação e começamos a subir o viaduto em frente à IURD. De cima do viaduto, ao se voltar para o templo, a placa "Cuidado com o cão!" se desamarrou do pescoço de Tuti e caiu exatamente nas mãos do ambulante que esbravejava. Ele a quebrou em pedacinhos, dando em seguida os cacos ao segurança principal. Foi obra de Jesus!



Cuidado com o cão por Tuti Minervino.
IURD, Iguatemi. 21/11/2009. Tuti sobre o viaduto.

Permanece a pergunta sobre performances individuais: Se a ação tivesse sido realizada por todo o grupo, por todo mundo, inclusive fotógrafos e amigos, talvez com distribuição de placas para pedestres (o que necessitaria investimento), que potência teria? O que teriam feito os seguranças diante de uma multidão de cães? E se Tuti tivesse posto a placa em um cachorro?

Jayme Fygura em performance. Catacumbas da Terceira Ordem do Carmo. 21/11/2009

Jayme Fygura, uma figura de fato, que sempre se apresenta por trás de suas couraças (capacete, roupa, luvas, sandália) de metal, couro, borracha, arames, barbante, se fez carregar em um caixão aberto, ladeira acima (ladeira do Carmo) rumo às Catacumbas da Terceira Ordem do Carmo, no centro histórico (Pelourinho). Lá, saiu do caixão e tentou explodir no peito de metal uma, depois outra e mais outra bomba. Todas falharam, ou a proteção antibomba apagou o pavio. Foi vontade de Deus: mais uma!

Interessante notar que nenhuma Igreja Católica nos molestou com seguranças, como as evangélicas: realizei 2 de minhas performances literalmente dentro de igrejas, 2 nas escadarias. No entanto, no Carmo nos foi solicitado uma colaboração.

As bombas de Jayme não explodiram, mas, se tivessem explodido, quanto seria essa colaboração?

Rose Boreatto em *Santa do pau oco*. Sacramento do Passo, Carmo. 21/11/2009

Rose Boareto realizou a performance *Santa do pau oco*, que já vem realizando há algum tempo e que pretende continuar apurando em outras apresentações. Trata-se de se paramentar como uma santa de igreja: manto negro, longo, com bordas douradas, decorado com flores, auréola dourada (tiara). Ao vê-la, surpreendeu-me a maquiagem no dorso semicoberto pelo manto: dourada, inteiramente dourada, com exceção de uma pequena área não maquiada em forma de coração. A 'santa' subiu um pouco a escada em frente da igreja do Santíssimo Sacramento do Passo, Carmo (a escada é conhecida como "escada do *Pagador de promessas, o filme*" [7]), desceu alguns degraus, sentou-se sobre uma almofada e instalou seus pertences. Abriu o manto na altura do ventre e onde se podia ver um corpete branco, como um (**maiô)** *maillot*. Este foi aberto por baixo e viu-se a vagina de Rose que foi rapidamente coberta com melado. Em seguida, tirou da vagina, lentamente, uns dois metros de correntinhas douradas. Levantou e se retirou.

A ação durou exatos 4 minutos e 30 segundos. Certamente, para nós que a assistimos, a ação durou bem mais do que isto, e, para Rose, a ação deve ter durado uma eternidade. Sim, foi muito rápido. Sim, o local era realmente perigoso para tal ação. Sim, tudo poderia ter acontecido se a ação tivesse sido mais longa. Mas ficam as perguntas: Até que ponto devemos (nos) ameaçar? E tratava-se de

fato de uma ameaça: uma ameaça para ela, para a integridade física dela; uma ameaça à população local tão machista; uma ameaça a este Salvador tão religioso.

Tiago Enoque, que já participou de outras ações do Coletivo, ao final da série, indagou sobre a potência da ação de Rose, visto que a mesma foi realizada apenas para iniciados. Que efeito tem uma 'santa' semidesnuda para iniciados, artistas, atores? Que efeito teria diante da população?

A nudez não mais incomoda em performance, afirmam alguns. Mas, no Brasil, em certos locais, quiçá em quase todos, a nudez ainda é uma afronta. Cito os casos recentes de Claudia Schulz, em Santa Maria, RS, e Ana Reis Nascimento, em Uberlândia, MG, que começaram a realizar performances enfrentando a nudez e vêm chocando as suas cidades.

Brasil, país dos contrastes: carnaval que choca o mundo pela ousadia do corpo exposto e que expulsa uma estudante de uma universidade privada após ter sido quase agredida por estar de ultraminissaia.[8] Repensemos: 1- a estudante seduz conforme manda a publicidade de tantos produtos de beleza, de tantos carros, de tantos apartamentos; a estudante seduz conforme induz a Xuxa, a Hebe Camargo, a Ana Maria Braga; a estudante seduz reproduzindo atitudes de seus ídolos de novelas e, em tese, conforme desejam estudantes de classe média; 2- alguns estudantes tentam espancá-la; 3- a estudante é expulsa da escola. Os agressores serão inocentados? Pode bater em mulher, sedutora ou não? O que faria a população do Pelourinho com Rose Boreatto? Em contrapartida, que potência tem uma performance feita apenas para artistas? A ação foi realizada na rua, em frente a uma Igreja Católica, porém teve o mesmo efeito que teria se realizada em uma galeria já que o público era apenas de artistas e iniciados no mundo da arte. Que efeito teria se realizada em frente à IURD?

O fato de ter sido realizada na rua, apenas para iniciados, em nada diminui a beleza da ação: foi como se ela tivesse acontecido em um espaço *in-situ*.

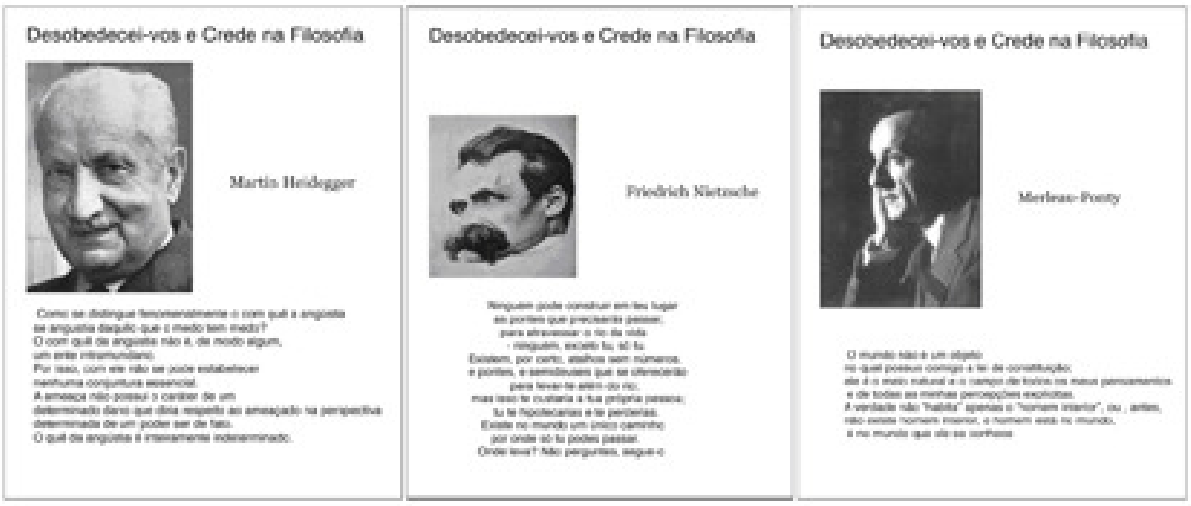
Dia 22 de novembro terminou com a performance *Desobedecei-vos e crede na filosofia,* de Dani Félix, em frente à Bola de Neve *Church*, na orla, na praia Rio Vermelho (a praia recebe um rio absolutamente poluído e mal-cheiroso e é

denominada pelos soteropolitanos como *Red River*), às 18h 30, meia-hora antes do início do culto.

Inacreditável! Isto existe: Bola de Neve *Church*, fundada em São Paulo e dedicada aos surfistas. Hoje são cerca de 100 'filiais' no Brasil (palavra do Senhor, digo, palavra de um rapaz, que se ocupava em convidar as pessoas a entrar) e cinco outras espalhadas pelo mundo.

> Empolgada, a pastora exalta a divulgação da palavra num programa de TV comandado pela ex-modelo Luciana Gimenez, famosa por ter procriado com o *Stone* Mick Jagger.
>
> - Temos chamadas no *Superpop* e nosso site está bombando! O evangelismo mais eficaz hoje é a mídia. Mas ninguém pode ficar parado, não pode ter vergonha de dizer que é crente. É preciso pregar enquanto pega onda, na faculdade e em casa. Precisamos evangelizar até o poste! – conclama.
> (www.palmalouca.com.br/reportagem/reportagem.jsp?id_reportagem=154)

Ahahahah! "Precisamos evangelizar até o poste!"



Santinhos de Daniela Félix [9]

As reações à entrada da *church* são diversas: curiosidade, na maioria. Mas, ao tentar adentrar a *church*, logo Dani é barrada e anuncia-se ao microfone a proibição da distribuição dos 'santinhos' no seu interior. Mais uma vez é surpreendente a velocidade da informação entre seguranças (o rapaz que convidava a entrar, simpático, tentando fazer rolar a bola de neve para que ela crescesse, logo se transforma em meganha, o tom muda). Mas, de fato, não há agressividade em

relação aos outros membros do Coletivo, câmeras e artistas ali presentes, por oposição à atitude dos seguranças e ambulantes em frente à IURD.

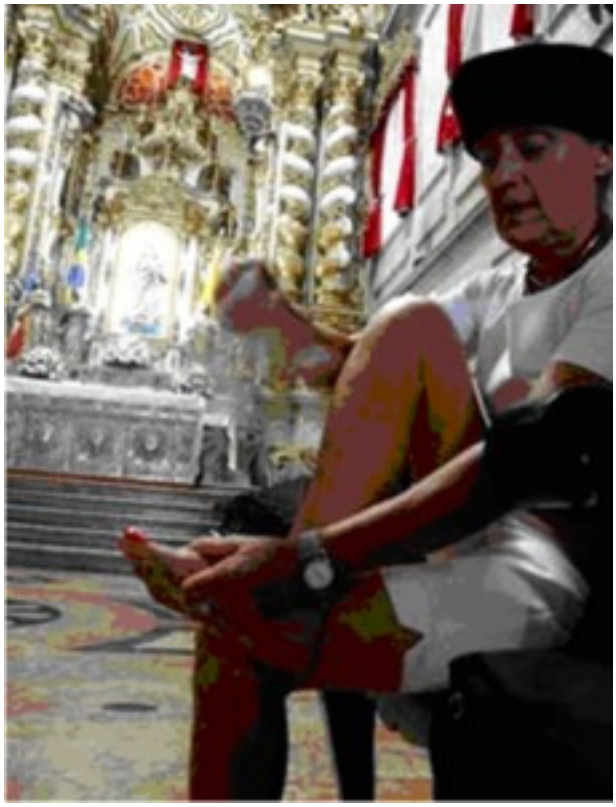
Foram duas as performances no Campo Santo (igreja de Nossa Senhora da Piedade e Cemitério): Persie (Odaléa Moraes) com *Até que a morte os separe*, distribuindo alianças, que não pude assistir, e Marios Hatziprokopiou com *Mãe bruxa*. Este saiu do cemitério vestido com papéis A4 onde havia impressos *e-mails* de sua mãe; caminhou até um terreno baldio, rasgou e enterrou os papéis regando-os com vinho. Para os transeuntes, muito pouca compreensão já que só nós sabíamos que os papéis continham *e- mails* de sua mãe, residente na Grécia.

Até que ponto uma performance com tema intimista fala à população que a vê ou entrevê? No trabalho de João, embora o tema de partida fosse uma história sua, havia uma gama de possibilidades de leitura e havia plasticidade e obsessão. O tempo, longo, também permite mais presença. No caso de Marios, a performance foi rápida, em terreno pouco visível. É certo que para ele algo aconteceu em sua mente, em seu corpo, em seu êxtase, mas e o público? Muitos, de novo, apenas entreviram.

Zmário realizou uma ação a cada performance: *A qualquer hora*. Após subir as escadas de cada igreja e na porta do cemitério, virou de costas para essas, desceu alguns degraus, se ajoelhou, fez o sinal: 'Sinal da Santa Cruz', invertido (testa, ventre, ombro direito, ombro esquerdo) e em seguida fez o 'Pelo sinal', ("Pelo sinal da Santa Cruz, livrai-nos Deus nosso senhor dos nossos inimigos", e traçou sobre a testa, com batom preto, uma cruz. A cada fim de performance, a ação se repetiu e uma cruz foi feita na testa, primeiramente, depois na boca e na terceira ação do dia uma cruz na no peito. No primeiro dia, houve apenas duas ações e apenas duas cruzes foram apostas. No segundo e terceiro dia, três cruzes foram feitas, sempre com batom preto. Com as três cruzes desenhadas, a camisa não mais foi colocada.

A cruz invertida pode ser lida como expressamente feita ao contrário ou como uma cruz corretamente feita já que Zmário se encontrava de costas para as igrejas. De frente para a rua, de frente para a câmera, "de frente para a em-cruz-ilhada", como se expressou. A ação também se chamava também "Cruz-credo!" E Zmário, a cada desejo, repetia: "Cruz-credo!" Fazia parte de sua ação, durante os três dias da série, não beber, não fumar e não fazer sexo.

Eu, vindo de Brasília, para a série *Igrejas e cemitérios*, também pensei em uma ação que se realizaria a cada performance, uma performance 'autista'. Como totalizavam 10 performances, foram 'pintadas' 10 unhas. A performance foi intitulada *Unhas defeitas*: as unhas foram cortadas ou lixadas ou apenas não pintadas, uma a uma, a cada performance. Os dedos foram sendo pintados, ao redor das unhas. Um primeiro olhar remete a algum machucado, um olhar mais apurado repara que as unhas foram desprezadas. O entorno das unhas foi pintado, em cada igreja, em cada templo, no meio da rua à espera da próxima performance ou, simplesmente, no bar que precedeu/ou antecedeu uma performance. Fazia parte da performance sandálias havaianas vermelhas, único calçado usado durante os três dias da série.



Bia Medeiros em *Unhas defeitas*. Em 21/11/2009

A última performance, bate-papo comigo (Bia Medeiros), dia 23 de novembro, terminou com uma ação: uma bacia de alumínio foi colocada aos meus pés, flores foram despetaladas nesta, com água lavei os pés. Ao lado da bacia estavam dispostos, como sempre, os instrumentos para fazer as unhas, a bolsa de prata antiga onde eu os levava e sandálias preta e prata. Retirei as sandálias havaianas vermelhas, procedi a um autolavapés. Os pés foram lavados, mas as 'unhas defeitas', a pele pintada com esmalte vermelho, permaneceu. Sequei os pés, peguei

as sandálias novas, fitei-as, joguei-as com força longe e recoloquei as sandálias havaianas vermelhas. Talvez, a performance não tenha terminado. Talvez, a série *Igrejas e cemitérios* jamais termine para o Coletivo Osso, para seus integrantes, para os espectadores que tiveram seus cotidianos modificados por performances, para nós artistas que vamos, aos poucos, nos calcificando ao Coletivo Osso. [10]

O calor soteropolitano é no limite do suportável, o sol é inclemente. Trata-se realmente de uma ação de guerrilha, guerrilha urbana. Sem apoio, sem verba, com pouca visibilidade na imprensa, uma atitude política de resistência. Para-béns!

---

[1] Ver HTTP://www.youtube.com/watch?v=wAkcNSE1Qbs Entrevista do Coletivo Osso com Luciana Aciolly para o Programa Soterópolis, agosto de 2009.

[2] http://www.corpos.blogspot.com especialmente as postagem de 14.11.0, *espetáculo Mar(ia-sem-ver)gonha*, rua e Teatro SESC Garagem, Brasília, 2009.

[3] Este grupo se autodenomina "agrupamento" e é formado por Clóvis Domingos, Erica Vilhena, Idelino Junior, Joyce Malta, Lissandra Guimarães, Marcelo Rocco, Nina Caetano, Saulo Salomão. http://obscenica.blogspot.com/

[4] http://grupoempreza.blogspot.com/. "Nossa poética é fortemente ancorada na materialidade do corpo e em suas qualidades simbólicas, remetendo às estratégias da Body-Art dos anos 60 e 70 do séc. XX. Nossas obras remetem ora a momentos de grande lirismo, ora a quadros de violenta escatologia, e pretendem-se sempre como alegorias corporais políticas do sujeito em seu meio".

[5] AZAMBUJA, D.; MARTINS, F. A.; MEDEIROS, M. B. *Corpos Informáticos. Arte, cidade, composição*. Brasília: PPG-Arte Universidade de Brasília, 2009.

[6] Zmário em *e-mail* datado de 11/12/2009.

[7] Filme de 1962, escrito e dirigido por Anselmo Duarte e baseado em história de Dias Gomes.

[8] Referência à expulsão e posterior readmissão da estudante Geysa Arruda, da Universidade Bandeirante, UNIBAN, do campus de São Bernardo do Campo/SP, ocorrida em novembro de 2009. Causa da expulsão: minissaia.

[9] **Desobedecei-vos e Crede na Filosofia**

Martin Heidegger

Como se distingue fenomenalmente o com quê a angústia se angustia daquilo que o medo tem medo? O com quê da angústia não é, de modo algum, um ente intramundano. Por isso, com ele não se pode estabelecer nenhuma conjuntura essencial. A ameaça não possui o caráter de um determinado dano que diria respeito ao ameaçado na perspectiva determinada de um poder ser de fato. O quê da angústia é inteiramente indeterminado.

Desobedecei-vos e Crede na Filosofia

Friedrich Nietzsche

Ninguém pode construir em teu lugar as pontes que precisarás passar, para atravessar o rio da vida - ninguém, exceto tu, só tu.

Existem, por certo, atalhos sem números, e pontes, e semideuses que se oferecerão para levar-te além do rio; mas isso te custaria a tua própria pessoa; tu te hipotecarias e te perderias. Existe no mundo um único caminho por onde só tu podes passar. Onde leva? Não perguntes, segue-o

Desobedecei-vos e Crede na Filosofia

Merleau-Ponty

O mundo não é um objeto no qual possuo comigo a lei de constituição; ele é o meio natural e o campo de todos os meus pensamentos e de todas as minhas percepções explícitas. A verdade não "habita" apenas o "homem interior", ou, antes, não existe homem interior, o homem está no mundo, é no mundo que ele se conhece.

[10] Ver ainda

HTTP://www.youtube.com/watch?v=FO7Vn49yfLg&feature=related para *Flourescência Z1M1*, por Zmário (referência ao vírus H1N1);

HTTP://www.youtube.com/watch?v=JbzWSq6tgxg para *Quantas contas a pagar*, por Rose Boreatto;
http://www.youtube.com/watch?v=rhiJdmCqv4I para *TQNCH-SSA*, por Rose Boreatto;
http://www.youtube.com/watch?v=TffPP1VBqWQ para *Lilás*, por Dani Félix, na Série *Praças*.

http://www.youtube.com/watch?v=iX_GOaLAlDk para *Embasamento*, por Rose Boreatto;
http://www.youtube.com/watch?v=zsjcdKBWQkY para *Autólise*, por Thiago Enoque;

http://www.youtube.com/watch?v=6CEhAHO9Qdo para *São Coirme e Damiãos*, por João Matos, na Série *Estações*.

http://www.youtube.com/watch?v=6b4yW4TrAr8 para *Chocolate*, por Tuti Minervino,;

http://www.youtube.com/watch?v=6r-_lSilSII para *Fullk*, por Giltanei Amorim e Laura Pacheco;

http://www.youtube.com/watch?v=82k9ReANdVY para *Na aba do meu chapéu*, por Carlo Santos, na Série *Pontes, passarelas e viadutos.*

Maria Beatriz de Medeiros

Doutorado em Arte e Ciências da Arte- Universite de Paris I (Pantheon-Sorbonne) (1989), pós-doutorado em Filosofia no Collège International de Philosophie, Paris (2000). Professora associado 1 da Universidade de Brasília. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Corpos Informáticos desde 1992. Pesquisadora 1C do CNPq (2008-2011). Coordenadora Adjunta para a área de Artes na CAPES (2005-2010). Suplente na cadeira de Artes Digitais no Conselho Nacional de Cultura.